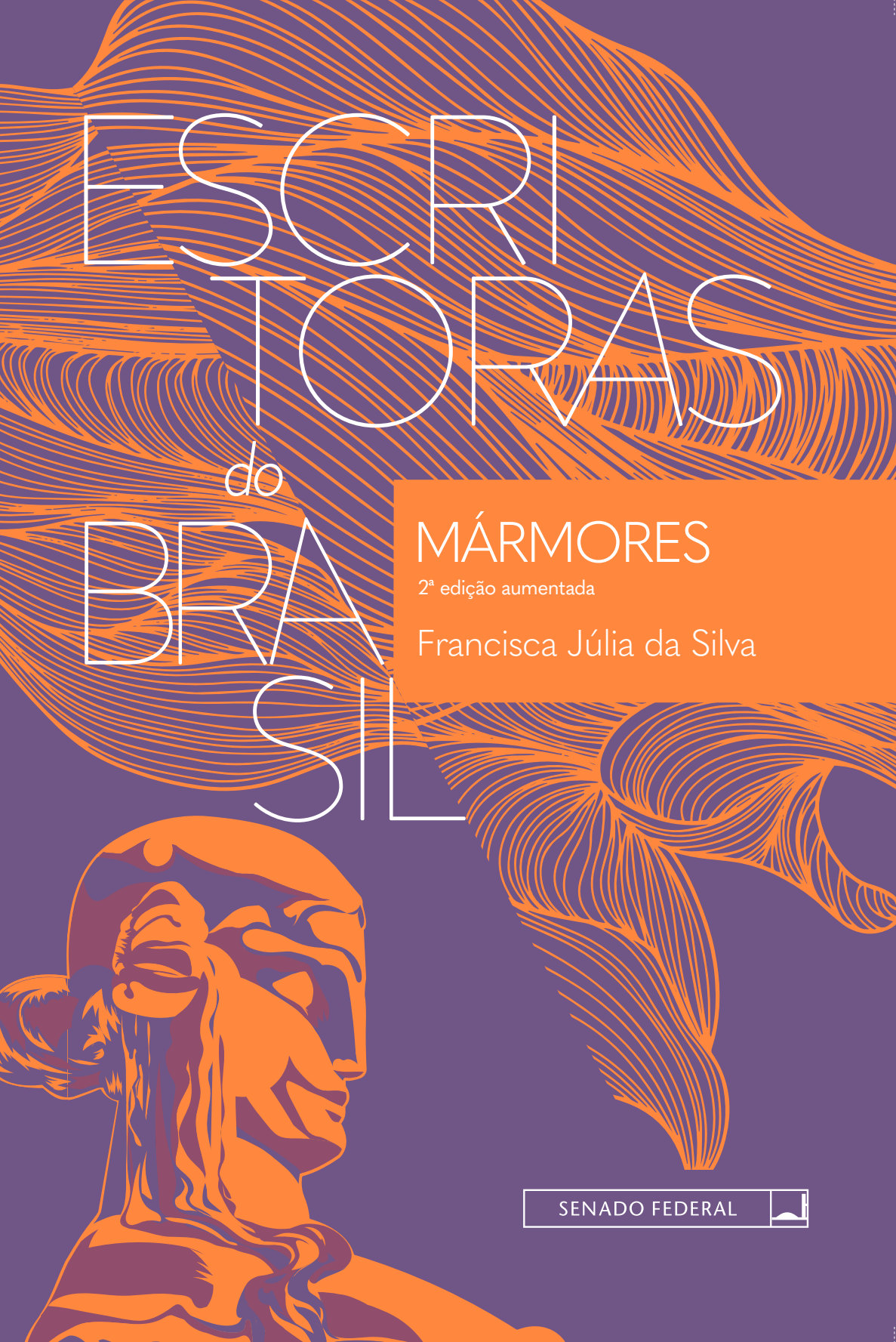


The background features a stylized illustration of a large feather, possibly a quill, rendered in orange and white lines against a purple background. In the bottom left corner, there is a stylized orange silhouette of a classical statue head, likely representing a personification of a virtue or a historical figure.

ESCRITÓRIAS do BRASIL

MÁRMORES

2ª edição aumentada

Francisca Júlia da Silva

SENADO FEDERAL



The background is a solid purple color. Overlaid on this are several abstract, flowing orange line patterns. These patterns consist of many thin, curved lines that create a sense of movement and depth, resembling stylized waves or organic forms. The lines are concentrated in the upper and lower portions of the image, framing a central white rectangular area.

*Mármore*s é um livro de poemas parnasianos – o primeiro livro que Francisca Júlia da Silva publicou, em 1895. De grande sucesso no meio cultural, recebeu críticas consagradoras de Olavo Bilac e Araripe Júnior.

A obra original foi prefaciada pelo filólogo e historiador João Ribeiro (1860-1934), prefácio mantido nesta edição, dada a maestria com que nos apresenta a obra da autora. Conforme nos diz João Ribeiro, a poesia de Francisca Júlia é enérgica e vibrante, estando além das banalidades da movimentação poética daquelas estações. Como se poderá notar nas páginas que se seguem, é uma obra imperdível aos amantes da literatura nacional.

Francisca Júlia da Silva nasceu na cidade paulista de Xiririca (atual Eldorado) em 1871 e faleceu em São Paulo, em 1920. Filha de um advogado e de uma professora, iniciou cedo sua vida literária na cidade de São Paulo e acabou sendo considerada uma personagem única no parnasianismo brasileiro.

Escrevia versos para inúmeros jornais, tanto paulistas quanto cariocas. Sua poesia seguia o parnasianismo francês, com uma marcada impessoalidade, o domínio de emoções, as palavras medidas e uma grande sonoridade. Trafegou também pelo simbolismo, no decorrer de sua rápida carreira literária. Seus poemas belos e originais, esparsos nos vários jornais, já causavam admiração. Mas com o lançamento de *Mármore*, em 1895, Francisca Júlia, aos 24 anos, teve sua merecida consagração.

Alguns anos após a publicação de *Mármore*, Francisca Júlia voltou-se à literatura infantil, publicando, em 1899, *O livro da infância*, obra composta de pequenos textos narrativos, que foi adotada por escolas públicas e particulares do estado de São Paulo. Volta a publicar poesias em 1903 com a obra *Esfinges*. Nesse momento, apresenta um estilo mais ligado ao simbolismo, menos rebuscado que em *Mármore*, e de temática mística e moral. Sua seguinte e última publicação é *Alma infantil*, livro de poesias para crianças, lançado em 1912.

Seu falecimento em 1920, aos 49 anos, deveu-se à ingestão excessiva de calmantes após o enterro de seu esposo.



MÁRMORES

Senado Federal

Mesa Diretora
Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre
PRESIDENTE

Senador Eduardo Gomes
1º VICE-PRESIDENTE

Senador Humberto Costa
2º VICE-PRESIDENTE

Senadora Daniella Ribeiro
1ª SECRETÁRIA

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
Senadora Roberta Acioly

Senador Confúcio Moura
2º SECRETÁRIO

Senadora Ana Paula Lobato
3ª SECRETÁRIA

Senador Laércio Oliveira
4º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
Senadora Soraya Thronicke

Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL

Danilo Augusto Barboza de Aguiar
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações

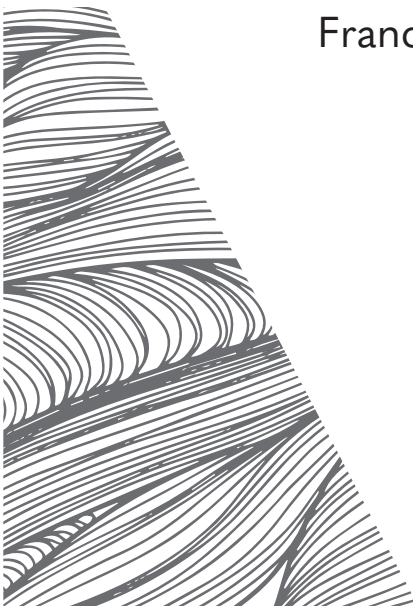
Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Secretaria de Gestão de Informação e Documentação

Daliane Aparecida Silvério de Sousa
DIRETORA

Coleção Escritoras do Brasil, volume IV





Francisca Júlia da Silva

MÁRMORES

APRESENTAÇÃO

Jaqueline Ferreira Borges

PREFÁCIO

João Ribeiro

2. ed. aum.

Brasília, 2026

SENADO FEDERAL



A meus pais



SUMÁRIO

Nota do editor · 11

Apresentação · 13

Prefácio · 23

Mármores · 32

- I Musa impassível · 35
- II A um artista · 37
- III Os argonautas · 39
- IV Mahabarata · 41
- V Rainha das águas · 43
- VI Sonho africano · 45
- VII Paisagem · 47
- VIII Vênus · 49
- IX Em Sonda · 51

- X A caçada · 53
- XI No campo · 55
- XII Noturno · 57
- XIII A Noite · 59
- XIV A Ondina · 61
- XV Aurora · 63
- XVI A um poeta · 65
- XVII À noite · 67
- XVIII Inverno · 69

LIEDER DE GOETHE · 71

- I Calme de la mer · 73
- II Lied sicilien · 75

- III La prude · 77

H. HEINE ~ NÚMEROS DO INTERMEZZO · 79

- I · 81
- II · 83

- III · 85
- IV · 87

BALADA · 89

- I Balada · 91
- II A florista · 93
- III Inconsoláveis · 95
- IV Estela · 97
- V De joelhos · 99
- VI No boudoir · 101
- VII D. Alda · 103
- VIII No baile · 105
- IX Mudez · 107

- X Pérfida · 109
- XI Laura · 111
- XII As duas irmãs · 113
- XIII A uma criança · 115
- XIV Quadro incompleto · 117
- XV Prece · 119
- XVI Mãe · 121
- XVII Egito · 123
- XVIII Musa impassível · 125

Obras de Francisca Júlia · 127

Breve bibliografia sobre Francisca Júlia · 128

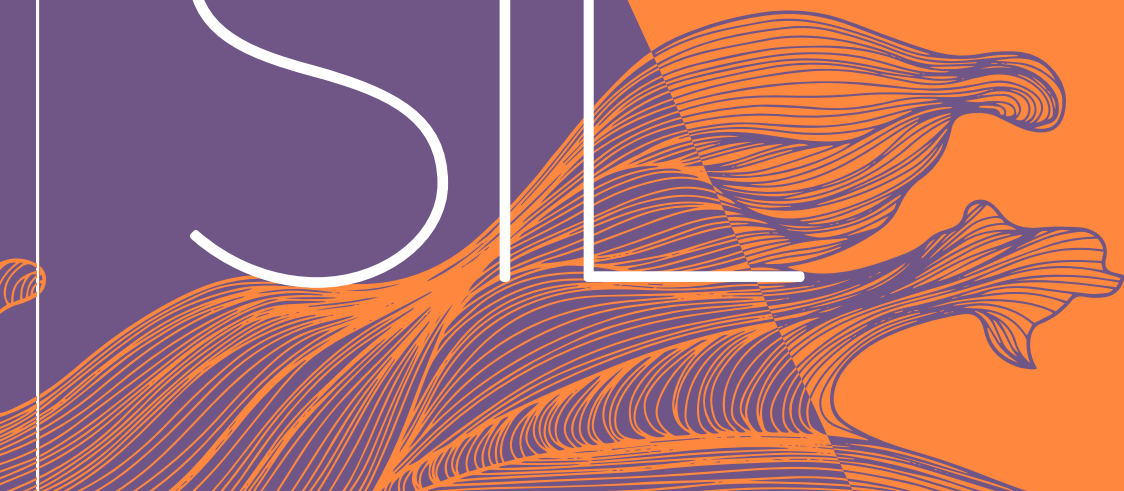
The background features a complex, organic pattern of fine, flowing orange lines on a dark purple field. These lines create a sense of movement and depth, resembling stylized waves or a dense, textured fabric. The overall composition is balanced and visually striking due to the high contrast between the orange and purple.

ESC RITO RAS

do

BRA

SIL



[illegible]

Nota do editor

Francisca Júlia dividiu *Mármore*s em quatro partes diferentes. A primeira compõe-se de dezoito sonetos da poeta. Seguem-se duas partes de poemas traduzidos, a primeira com três poemas de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e a seguinte com quatro poemas de Heinrich Heine (1797-1856). A última parte, intitulada *Balada*, traz outros dezoito poemas de Francisca Júlia.

Tanto o primeiro poema da primeira parte quanto o último da quarta têm o mesmo título, *Musa impassível*, sendo, porém, duas peças distintas.

Iniciando os poemas de Heine, na obra original estava grafado “A. Heine”, ao invés de “H. Heine”. Esse erro de impressão foi corrigido na presente edição.

Para facilitar a leitura, foram incluídas notas no decorrer da obra com os significados dos poucos termos que não são mais encontrados nos dicionários atuais, como também notas com a tradução das frases em outros idiomas. No restante, procurou-se manter a fidelidade ao texto original, limitando-se as modificações apenas à atualização ortográfica.



Apresentação

A contemporaneidade de Francisca Júlia, poeta oitocentista

A Coleção Escritoras do Brasil, lançada em 2018 pela Biblioteca do Senado Federal, é um projeto editorial que revive o nome e a produção de tantas mulheres recusadas por um cânone literário excludente. Como modo de preencher lacunas de nossa literatura, a qual foi construída também por letras femininas, esta reedição promove a reafirmação de obras de mulheres que marcaram uma época, mas foram vítimas do esquecimento canônico.

Esta apresentação, portanto, busca lançar o nome de Francisca Júlia ao público leitor e não esgotar as infindáveis análises que se abrirão, revelando o anseio de que a coletânea seja lida como repertório e como conscientização de que nunca tivemos notícias de um quarteto parnasiano, pois na tríade masculina¹ não coube uma mulher, do mesmo modo que nas cadeiras da ABL só pôde se sentar o marido, não uma das fundadoras. Que este texto provoque o desejo por pesquisas e pela propagação dessa literatura inaugural, obediente na métrica, transgressora na temática e na coragem de ser: na ficção e na realidade.

Embora haja certa inconsistência² acerca do ano de nascimento da poeta, adotamos o que o irmão, Júlio César da Silva, afirma ser apropriado: Francisca Júlia nasceu em Xiririca, São Paulo, no dia 31 de agosto de 1871, atual cidade de Eldorado. Filha do advogado Miguel Luso da Silva e da professora Cecília Isabel da Silva, Francisca Júlia

1 “Não tenho hoje hesitação alguma, quaesquer que sejam as consequencias do asserto, em affirmar que depois da geração que costumamos symbolizar nos nomes de Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, tenha apparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, eguale á auctora dos *Marmores*. Nem aqui, nem no sul, nem no norte [...] encontro um nome que se possa oppor ao de Francisca Julia.” (Ribeiro, 1895, p. 24-25).

2 Embora João Ribeiro, no prefácio da primeira edição, afirme que o ano de nascimento de Francisca Júlia foi 1874, todas as pesquisas disponíveis adotam o ano de 1871, em conformidade com o que o irmão defende.

cresceu em um ambiente íntimo da leitura e propício aos estudos. Aos 37 anos, em 1909, Francisca Júlia se casou com Filadelfo Edmundo Munster, quando também se afastou dos espaços literários, publicando somente mais um livro, o último, em 1912. Além de ler em francês e conhecer diversas obras literárias, ela começou a escrever aos 14 anos; primeiramente, publicou em jornais e revistas; mais tarde, em 1895, lançou seu primeiro livro.

Foi ainda muito jovem que a poeta se inseriu nas letras, tendo sido uma das primeiras escritoras brasileiras a compor o cenário literário oitocentista, pois, “em companhia de Júlia Lopes de Almeida, foi uma das precursoras da literatura feminina no Brasil” (Camargos, 2007, p. 9). Francisca Júlia ultrapassou as demarcações femininas daquele período e habitou um universo intelectual no qual a presença masculina era predominante; além disso, conquistou respeito e admiração de diversos poetas e críticos literários, transgredindo a lógica patriarcal e misógina dominante.

À medida que Francisca Júlia escrevia, a admiração e o respeito se fortaleciam entre os críticos literários, até que, em 1895, a sua primeira obra, fiel representante do estilo parnasiano, foi publicada. O livro *Mármore*s foi dedicado aos pais da escritora, além de ter sido prefaciado por João Ribeiro, jornalista, historiador, membro da Academia Brasileira de Letras e importante crítico literário daquele período. O prefácio pode ser visto não só como uma forma de admiração pelo requinte poético da escritora, mas também como um modo de reparar o tom duvidoso com que lidou com a autoria de Francisca Júlia, tendo em vista que, inicialmente, acreditava que os poemas publicados na revista *A Semana* eram atribuídos ao pseudônimo de algum poeta.

Narra Max Fleiuss que, ao serem publicados pelo periódico de Valentim Magalhães os primeiros versos de Francisca Júlia, João Ribeiro não acreditou que se tratasse de mistificação, atribuiu-os a Raimundo Correia. Araripe Júnior e Lúcio de Mendonça riram-se e também duvidaram. (Ramos, 1961, p. 7.)

João Ribeiro dedicou um poema como resposta às publicações em *A Semana* utilizando-se do pseudônimo de Maria Azevedo, exatamente por acreditar que se tratava de outro homem publicando com nome feminino: “Eu respondo a esta imaginária poetisa” (Fleius, 1941, p. 40-45, apud Ramos, 1961, p. 7) com o poema “Jazigo” em 1894, na mesma revista. O autor do prefácio faz menção a esse episódio ainda nas primeiras linhas de seu texto: “Uma injusta apreciação, concluída, e mal concluída, da minha attitude critica contra uma escriptora de talento, havia-me perfidamente creado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras” (Ribeiro, 1895, p. 7).

Na lista dos descrentes encontra-se também José Severiano de Rezende, escritor simbolista brasileiro que não reconheceu a poesia de Francisca Júlia naquele momento, segundo ela mesma relata: “dedicou-me algumas linhas pela imprensa, em que me aconselhava a que não escrevesse mais versos, e terminava assim, se não me falha a memória: ‘Minha senhora, há ocupações mais úteis: dedique-se aos trabalhos de agulha’” (Silva, 1894, apud Ramos, 1961, p. 6).

Francisca Júlia, no entanto, viola esse cenário misógino e conquista reconhecimento, muito embora de modo árduo e trabalhoso, pois os críticos e poetas daquele período demoraram a acreditar que as poesias, tão cuidadosamente elaboradas, obedientes ao Parnasianismo, marcadas pela perfeição dos versos, pelo ritmo e pelo culto à forma, fossem de autoria feminina. Ela, porém, ganha prestígio, tanto que seu primeiro livro é prefaciado pelo mesmo crítico que duvidara de sua autoria. Isso porque, antes mesmo da publicação de *Mármore*s, a poeta já havia sido percebida: “Francisca Júlia, já a essa altura, era nos círculos literários considerada grande poetisa” (Ramos, 1961, p. 8).

A chegada de *Mármore*s aconteceu com entusiasmo não somente em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro e em vários lugares do país; isso porque a poeta já contribuía com jornais e revistas de vários estados brasileiros. Ramos (1961, p. 9) salienta que “Olavo Bilac louvou em F] o culto da forma, a língua, remozada ‘por um banho maravilhoso de novidade e frescura’”. Araripe Junior apontou que Francisca

Júlia “espreita o tempo das andorinhas para saltar voo”, mencionando ainda títulos como “D. Alda”, “Sonho Africano” e “A Caçada”, poemas que, segundo ele, se afiguravam como joias literárias.

Destaca-se, nos poemas de *Mármore*s, a descrição impessoal dos objetos, bem como certo distanciamento de afetos, emoções ou vulnerabilidades, rompendo um ideal feminino historicamente construído. O poema “Musa Impassível”, o qual compõe a primeira e a última página do livro, nas seções I e II, evidencia um feminino que não se curva, que se recusa à sensibilidade, que não permite que nada o abale o semblante. Assim, a voz lírica rompe-se com a imagem de uma musa frágil e afetuosa e propõe um feminino impassível, inegociável, gélido como o mármore; metáfora para o sofisticado, rijo e inflexível Parnasianismo.

Segundo Ramos (1961, p. 10), quando da publicação de *Mármore*s, alguns escritores e críticos se pronunciaram. Nomes como os de João Luso, Batista Cepelos, Leal de Sousa, Garcia Redondo e Lúcio Mendonça teceram comentários elogiosos e, “mais tarde, Coelho Neto engrossou a lista, de modo que ao saírem as *Esphinges*, Francisca Júlia estava com a reputação, firmada, de a maior poetisa do país”.

A segunda obra, *Livro da Infância*, publicada quatro anos depois, em 1899, foi prefaciada pelo irmão da poeta, Júlio César da Silva (1873-1936). O livro, composto por versos e prosa, é proposto “às crianças que já tenham feito seu curso elementar de leitura e se achem habilitadas a iniciar estudos menos faceis” (Silva, 1899, p. 5); ou seja, a obra destinava-se a crianças, mas somente àquelas que estavam prontas para uma literatura elevada, superior e hermética. Portanto, as considerações rigorosas que a autora faz evidenciam o respeito às exigências estabelecidas pelo Parnasianismo. Isto é, do leitor infantil ao adulto, a premissa da arte pela arte era aplicada com o mesmo rigor, porque com a elevação poética não se negocia, cultua-se.

Como a edição de *Mármore*s não foi suficiente para atender a todos os interessados, em 1903 Francisca Júlia publicou *Esphinges*, obra que contém poesias já publicadas em *Mármore*s e outras inéditas. Não se tratava de uma reedição, já que 7 composições foram

retiradas, como: “La Prude”, “Estela”, “No Boudoir”, “No Baile”, “Laura”, “Quadro Incompleto” e “Prece”; e 14 poemas inéditos foram acrescentados: “Dança de Centauros”, “Anfitrite”, “Profissão de Fé”, “Adamah”, “Cega”, “Crepúsculo”, “Natureza”, “Ângelus”, “O Mergulhador”, “De Crisóstomo Medjid”, “Amor Descoberto”, “Pranto de Luar”, “Vida” e, por fim, “Alma e Destino”. Além dos poemas que foram resgatados de *Mármore*, *Esphinges* também reúne mais 6 textos do *Livro da Infância*, segunda obra da autora: “Aguarella”, “A Primavera”, “Noite de Inverno”, “Inverno”, “O Ribeirinho” e a narrativa “De volta da guerra”, apresentando-se como uma nova obra, a qual reúne alguns poemas já publicados e outros inéditos.

A segunda edição de *Esphinges*, publicada em 1921, traz uma versão revisada que, inclusive, foi reorganizada pelo irmão da poeta e publicada pela editora Monteiro Lobato. A reedição foi resultado da intensa comoção diante da morte precipitada da ainda jovem Francisca Júlia:

Quando da morte da poeta Francisca Júlia, em 1920, houve bastante comoção, várias cartas de lamentação em jornais [...]. A reedição de *Esphinges*, em 1921 se ligava a essa comoção pela morte da autora e primava pelo esmero da capa em preto e laranja com motivos egípcios, bem como pela folha de rosto ricamente ilustrada. (Pereira Neto, 2013, p. 8-9.)

Como parte das homenagens enlutadas, o governo do estado de São Paulo incumbiu a Victor Brecheret uma escultura intitulada “Musa Impassível”: “esculpida em mármore de Carrara, encomendada pelo governo do estado de São Paulo para homenagear a poetisa parnasiana Francisca Júlia da Silva” (Camargos, 2007, p. 11). A peça chegou de Paris quando já se completavam três anos da morte da poeta paulista e foi colocada em seu túmulo, onde ficou até 2006, ano em que foi transferida para a Pinacoteca de São Paulo após ser restaurada; lá permanece até hoje.

Oito anos antes de sua morte, Francisca lançou seu quarto e último livro: *Alma Infantil* (1912), escrito em parceria com o irmão, Júlio

César da Silva. A obra apresenta poesias de cunho religioso e educador, bem como “Recitativos, monólogos, diálogos, 14 comédias escolares, brincos infantis, hymnos”, conforme apresentado na capa da obra. Com a mesma proposta de *Livro da Infância* (1899), além de destinar-se ao público infantil, também tinha como foco as turmas iniciais nas escolas públicas do estado de São Paulo.

Notam-se de maneira sintomática alguns traços característicos da atuação poética de Francisca Júlia. Enquanto estrutura, a obra volta-se majoritariamente para a métrica poética, prefere sonetos, versos alexandrinos, ritmo e rimas externas, vocabulário raro e precioso; faz referências a clássicos e segue a premissa do Parnasianismo, movimento em vigência na época. No que se refere ao conteúdo, a voz lírica transita entre a teoria estética que defende a arte pela arte, a partir de uma proposta metalinguística que prioriza a beleza clássica e a impassibilidade em detrimento das questões de ordem social ou política. Além disso, especialmente a partir de *Esphinges*, há uma tendência cada vez maior às simbologias e às sinestésias, aos sonhos e às subjetividades.

A poeta trata sobre deus(es) e deusas, abordando as figuras mitológicas e uma recorrente presença de elementos da natureza, além de mostrar mulheres de diversas formas – cruéis, impassíveis, mães, religiosas, divinas, valentes, belas e corajosas. Isso porque a autora ficou na fronteira de “um movimento cujo ideário se afinaria com suas inquietações filosóficas e metafísicas da maturidade”, adotando uma “postura espiritual e artística, que escapa do registro greco-romano para abarcar até elementos de culturas orientais” (Camargos, 2007, p. 36). Além disso, ela “assume sua face mística³ e moralizante, aceitando convites para palestras sobre feitiçaria, corpo astral, mediunidade e reencarnação” (Pereira, 2008, p. 93).

3 Como desdobramento dessa vertente espiritualista, o Núcleo Espírita Francisca Júlia se apresenta como a união “de trabalhadores com formação em cromoterapia e ligados a Ramatís, que se agregou a Sociedade [Espírita Francisca Júlia], uma antiga aspiração e orientação de Francisca Júlia”. Disponível em: <https://www.franciscajulia-ramatis.com.br/?cd=1896&titulo=quem-somos>. Acesso em 2 set. 2025.

Tardelli (2015, p. 97) afirma que o poema “Crepúsculo” representa a “metafísica desenvolvida na poesia brasileira”, salientando que a voz lírica demonstra um aspecto “vago e mudo”. Destaca, concordando com Bosi (2015), que Francisca Júlia também adotou as premissas simbolistas, pois revelou “acentuadamente a tendência decadentista e mesmo simbolista” (Tardelli, 2015, p. 94), mergulhando no catolicismo e se conectando com a espiritualidade.

Em consonância com essa perspectiva do sagrado, Francisca Júlia participou de uma conferência em Itu, em 3 de julho de 1908, e apontou as dificuldades em comprovar a existência de Deus. Segundo Ramos (1961, p. 18), ela salientou que: “nossos sentidos iludem-nos; por eles não percebemos o movimento da Terra; nem com eles podemos provar ou negar a existência de Deus”. Na ocasião, ela já estudava sobre corpo astral, força ódica, magos, santos e figuras que a caracterizavam cada vez mais mística e aberta às dualidades religiosas, mesmo que, aparentemente, não se filiasse a nenhuma religião ou crença.

Esse tom melancólico ficou mais acentuado quando Francisca Júlia soube que o marido estava doente, demonstrando, a partir de então, grande tristeza e desalento. Ela chegou a dizer a João Pontes de Moraes que “jamais poria o véu de viúva”, o que, de fato, não fez. Há poucas informações a respeito da morte da autora. Camargos (2007, p. 21) constata que nos foram fornecidas “poucas pistas sobre a esfera doméstica e mais íntima da mulher, que, segundo diz, teria morrido de amor”, embora ela já revelasse indícios de sua melancolia: em 1916, concedeu à revista *A Época* uma entrevista, confessando que estava doente e que, em algumas ocasiões, “de repente saio da vida real e entro no sonho. Vejo pessoas e seres desconhecidos. A princípio cuidei que me estava tornando médium. Mas não, isto é o princípio do fim”. Depois, afirma que “seria muito bom morrer. Tenho ambições, oh! Muitas ambições, mas são de outra natureza”, acrescentou, levantando os olhos para o alto.

A maior de suas decisões aconteceu em 31 de agosto de 1920, após o anúncio do falecimento de seu marido. Péricles Eugênio da Silva Ramos (1961) apurou que, “ouvindo testemunhas até oculares, foi que,

no dia da morte de Edmundo, Francisca Júlia se retirou para repousar. E não mais acordou, apesar dos esforços médicos para reanimá-la, vindo a falecer na manhã do dia do enterro do marido” (Ramos, 1961, p. 21), no Dia de Todos os Santos, em 1º de novembro.

Após 106 anos da morte da poetisa, protagonizamos a retomada de tantos nomes femininos que marcaram a nossa literatura. Pode-se hoje reconhecer que Francisca Júlia contrariou a lógica associada aos escritos femininos, dos quais se esperavam temas religiosos, piegas românticas, fé, maternidade ou idealizações. Aqui, ao contrário, temos poemas transgressores, alguns eróticos, sujeitos femininos corajosos, guerreiros e impassíveis.

Mais de um século após a morte da maior parnasiana brasileira, reencontramo-nos também com outras mulheres que, embora “relegadas a um inevitável segundo plano, [...] obrigadas a se contentar com seu papel de sexo subordinado, submisso à sua contraparte masculina” (Borges, 2013, p. 184), recontaram, renegociaram, transgrediram e marcaram a nossa literatura. Escritoras como Gilka Machado, Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida e tantas outras abandonadas nas prateleiras empoeiradas das bibliotecas, esquecidas pelos materiais didáticos, ausentes das aulas de literatura, longes do cânone, são hoje revisitadas por editorações que reconhecem a necessidade urgente de revivê-las, e isso se torna possível a partir de movimentos como a Coleção Escritoras do Brasil, que resgatam literaturas femininas que ultrapassam os séculos e não podem mais ser freadas. Viva a literatura brasileira de autoria feminina!

Jaqueline Ferreira Borges

Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Poesia e Cultura (NEPPOC/UFSCar/CNPq), membra da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e professora de Língua Portuguesa do SESI – Ribeirão Preto (SP)

Referências:

- BORGES, Luciana. *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- FLEIUSS, Max. *Recordando*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- PEREIRA NETO, João Vicente. *Oscilações líricas de uma musa impassível: itinerário poético de Francisca Júlia no sistema literário brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013a. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/908259>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A universidade e a formação do aluno leitor*. Uberlândia: EDIBRÁS, 2008.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Org.). *Poesias de Francisca Júlia*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961.
- RIBEIRO, João. Prefácio. In: SILVA, Francisca Júlia. *Mármore*. São Paulo: Horácio Belford Sabino, 1985.
- SILVA, Júlio César. Prefácio. In: SILVA, Francisca Júlia. *Livro da Infância*. São Paulo: Diário Oficial, 1899.
- TARDELLI, Caio Cardoso. *A torre invadida*. São Paulo: Maçã de Vidro, 2015.

[illegible]

Prólogo¹

Nunca pensei eu que me coubesse algum dia tarefa tão difícil e tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome hoje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da literatura neste país.

Uma injusta apreciação, concluída, e mal concluída, da minha atitude crítica contra uma escritora de talento havia-me perfidamente criado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como *o homem é de fogo para a mentira*, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condenado.

Há em tudo isto uma grave injustiça.

Vivendo nessa pátria que se orgulha dos nomes gloriosos de Narcisa Amália, Adelina Vieira, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e Júlia Cortines, eu sentia com ela esse mesmo nobre orgulho, e ninguém de boa-fé poderia acatar essa dura malevolência contra as minhas verdadeiras opiniões.

Por isso é que a ocasião de apresentar o nome da autora dos *Mármore*s me depara hoje um ensejo feliz de reabilitação no conceito dos mais opiniáticos.

A tarefa que hoje desempenho, não sem o sobressalto da minha humilde condição, e mesmo sem possuir a autoridade necessária para realçar o mérito obscuro ainda e para recomendar o livro que tenho em mãos, justifica-se igualmente por boas e excelentes razões que não me é lícito, um momento só, ocultar. Não só os *Mármore*s por si sós dispensam qualquer elogio antecipado ao do público, mas quase todos eles já não carecem de favor; foram carinhosamente esculpidos, finamente cinzelados para a galeria artística da *Semana*², e aí foram

¹ Foram conservados os dois termos: Prefácio, na capa, e Prólogo, no texto, conforme o original de 1895. (Nota do editor.)

² A *Semana* foi um periódico literário do Rio de Janeiro, criado (em 1885) e dirigido por Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903). (Nota do editor.)

consagrados definitivamente pelo aplauso de Araripe Júnior, Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Max Fleiuss, Luiz Rosa, Américo Moreira e eu. Deste modo, já não teria receio dos exageros da minha opinião individual; acha-se ela firmada pela colaboração de ilustres confrades cujo critério se eleva acima de toda a suspeita.

O nome da poetisa era aclamado; as suas produções, em manuscrito ainda quente das emoções do seu estro, criaram em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmosfera deliciosa de Arte e de Sentimento. E dessa invisível redoma, de onde uma nova alquimia tirava novos mundos, renasciam as paisagens pagãs, com os seus lácteos rios elevando murmúrios às frondes que os passavam ao céu azul, nessa ascensão de prece panteísta da terra profunda ao céu alto e luminoso.

E todos nós inquiríamos se era verdadeiramente de mulher aquele coração enérgico e possante, capaz de propeler o sangue de um milhão de artérias.

Foi, pois, principalmente nas páginas da *Semana* que a reputação de Francisca Júlia se tornou durável, sólida e indestrutível.

E quando ela vinha todos os sábados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo aplauso com que todos nós a recebíamos. A sua poesia enérgica, vibrante, trazia a veemência de sonoridades estranhas, nunca ouvidas, uma música nova de que as cítaras banais do nosso Olimpo nos haviam desacostumado.

A banalidade vulgar e desolante do comum das poesias escritas outrora por mulheres; esses versos minados de tuberculose, de voz rouca e doentia, quase espremidos com o último alento vital, habituaram-nos a registrar cada estreia feminina sempre com a mesma velha sigla: *Está conforme*. Era como se disséssemos: – *Pode baixar à enfermaria*.

Mas dessa languidez antipática e irracional, nasceu, como devia nascer, a reação.

Ainda ultimamente, o livro de Júlia Cortines foi mais um clamor de energia contra essa tísica endêmica do Parnaso.

Pois quê! Essas boas senhoras e essas gentis meninas, rubicundas e gordas, bonitas e risonhas, espirituosas todas e algumas até glotonas, andavam a chorar pelos cantos da casa e a morrer em cada verso?

Francisca Júlia tem pouco mais de vinte anos de idade³. Sente-se a custo, às vezes, nas suas produções, a ternura dos verdes anos que só a adolescência é capaz de sugerir e realizar, porque a frieza clássica dos seus versos é absoluta. Sabemos que aos catorze anos escrevia já os primeiros versos. Estreou no *Estado de São Paulo* e colaborou em várias outras folhas, no *Correio Paulistano*, no *Diário Popular*, no *Álbum* e finalmente na *Semana*, de onde irradiou seu nome para todos os ângulos do país.

Eis o que sei da sua curta biografia. Talvez, um dia, num livro que será extremamente curioso e sugestivo, ela nos conte a sua história íntima com aquela deliciosa linguagem pura e desataviada de ornatos, que transpira das suas cartas.

O caráter preponderante da sua poesia é, talvez, o amor da beleza clássica, tal qual a idearam os helenos de Péricles – o sentimento abstrato e profundo do número, do ritmo e da harmonia. Em uma palavra: mais êxtase do que paixão. Bastaria, para prová-lo, esse soneto dos *Argonautas*, que parece um baixo relevo de mármore, tal a fria correção do desenho, soneto que é, decerto, um dos mais belos e mais bem-acabados entre os da nossa língua.

Os argonautas

*Mar fora, ei-los que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar – amigas sentinelas,
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.*

³ Nasceu em S. Paulo aos 31 de agosto de 1874 e é filha do sr. Miguel Luso da Silva e da exma. sra. D. Cecília Izabel da Silva.

*Ei-los que vão buscar noutras paragens belas
Infintos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa, em cóleras, ufano,
Faz palpitir o bojo às retesadas velas.*

*Novos céus querem ver, miríficas belezas;
Querem também possuir tesouros e riquezas,
Como essas naus, que têm galhardetes e mastros...*

*Ateiam-lhes a febre essas minas supostas...
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea bênção dos céus e a proteção dos astros...*

Na *Musa impassível* há idêntica perfeição de sonoridade; soa-nos ao ouvido a complicação orquestral de um poema sinfônico; todos os rumores são harmoniosos; e o pensamento já não é expresso pela vulgaridade da articulação e do vocábulo, mas escoia e brota da música complexa, da forma mesma dos versos.

Dá-me o hemistíquio de ouro...

*Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.*

Outras vezes, na solidão da floresta, é ainda uma sonoridade selvagem que desperta e impressiona o estro da poetisa e ela tradu-la nesse verso esguio e fremente:

Entre as folhas sibila a estrídula cigarra.

Se eu tivesse de fazer uma análise psicológica (de cujo horror os leitores se livrariam a tempo), diria que a sensação predominante na compleição física e intelectual de Francisca Júlia é a *sensação auditiva*;

ela sabe tirar dos ruídos caóticos e irregulares da natureza as vibrações isócronas e musicais, e dá-lhes um relevo distintivo, como um artista sabe, com o pincel, desdenhando o detalhe, distinguir as manchas do colorido geral da paisagem.

Um subsídio para essa afirmativa psicológica bem pode ser a miopia da gentil poetisa. À deficiência da vista, procurou equilíbrio no ouvido, com a vantagem inegável de que a miopia natural, quando não é excessiva, é um bom elemento de educação da percepção visual na arte, por isso que facilita a visão das massas e suprime o incômodo das minúcias.

E querem avaliar os leitores como essa gentil criança *sabe ver* a natureza?

Ponham diante dos olhos esse trecho de paisagem africana em dia de calma:

*Calma em tudo: Dardeja o sol raios tranquilos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se à tona d'água,
Em compacto apertão, os velhos crocodilos...*

Na mesma poesia (*Sonho africano*), que é toda um primor de arte, encontra-se esta imagem digna de um pincel impressionista:

*Ei-lo em sua choupana. A lâmpada, suspensa
Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo
Entrando, porta adentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinábrio em torno à carapinha densa.*

Na poesia *De joelhos*, que é uma tentativa de versos simbólicos, místicos, ou decadistas, a autora tira todos os efeitos admiráveis de luz, de som e de movimento. Toda a luz do quadro só permite ver a monja e dela, a princípio, os olhos altos, presos ao teto, e depois os braços e o rosto branco; percebe-se o murmúrio sonoro da reza cochichada, contínua...

*Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no teto presa,
Como que imita a tristeza
Daquele círio trêmulo e frouxo.*

E os dous aspectos artísticos, de luz e som, o do murmúrio e o da imagem branca da monja, vão-se alternando nas estrofes:

*Salmos doridos, cantos aéreos,
Melodiosos gorjeios,
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De misticismos e de mistérios.*

*Quanta tristeza, quanto desgosto
Mostra n'alma aberta e franca,
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pálido o rosto...*

*Parece estar no Outro-Mundo
De outros mistérios e de outras vidas.*

Não tenho hoje hesitação alguma, quaisquer que sejam as consequências do asserto, em afirmar que, depois da geração que costumamos simbolizar nos nomes de Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto Oliveira, tenha aparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, iguale à autora dos *Mármore*s. Nem aqui, nem no sul, nem no norte, onde agora floresce uma escola literária (*A Padaria espiritual* do Ceará), encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia.

Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e fatura do verso; nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as belezas clássicas com essa fria severidade de forma e de epítetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na literatura francesa; nenhum jamais dentre os místicos e nefelibatas de Lisboa ou do Rio

de Janeiro se elevou a essa região serena do misticismo que a poesia *De joelhos* nos revela com tão extraordinária emoção.

Como tradutora, Francisca Júlia tem, igualmente, qualidades apreciáveis.

Contribuiu ela com alguns formosos números para a tradução brasileira do *Intermezzo* de Heine, publicada pela *Semana*.

Por esse tempo, um crítico alemão publicou no *Tagblatt*⁴ uma extensa apreciação sobre a tradução brasileira. Era natural que ao sr. Emílio Strauss fossem estranhas as harmonias do nosso idioma; por isso o crítico foi desapiedado para com poetas da estatura de Raimundo Correia e de Luiz Delfino, ao passo que elevou às nuvens poetas estimáveis, mas de menos fôlego. O crítico apenas deixa-se levar pelo critério da *tradução literal rigorosa*, o que muitas vezes conduz aos maiores absurdos; na poesia, não só o vocábulo mas a melodia e o ritmo são elementos iguais de expressão, e esses últimos elementos são tanto mais intensos quanto cresce a distância entre a civilização e a língua do poeta original e a do poeta que traduz.

Analizando, com seu estreito critério, Emílio Strauss não pôde compreender o mérito das traduções de Francisca Júlia.

Que a nossa poetisa pode traduzir mesmo *literalmente* e com o maior rigor de fidelidade as belezas da poesia alemã, é verdade que ninguém poderia com decência encobrir.

No presente volume os leitores encontrarão um *lied* de Gothe – *Calma do mar* (Meeres Stille) – que pode ser cotejado com o original alemão.

Os dous últimos versos

*In der ungeheuern Weite
Reget keine Welle sich*

⁴ Folhetins do *Tagblatt* de S. Paulo, sob o título *Eine brasilianische Heine-Mebersetzung*, entre 23 de junho e 3 de julho de 1894.

são traduzidos com rigor literal:

*Em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.*

Entretanto, não seria de todo inútil apontar à gentil poetisa os perigos e as desvantagens da *paráfrase*, quando se pode traduzir com a fidelidade e a elegância que transpiram nos dois versos acima transcritos.

~

Vou concluir.

Aos que vão começar a deliciosa leitura dos *Mármore*s, peço perdão dessa palestra importuna, inculta e bárbara, sem atavios de estilo e, todavia, sem a singeleza que reclamaria o pórtico desse templo suntuoso. A Machado de Assis ou a Raul Pompeia caberia essa arquitetura preliminar.

Mas também o contraste é excelente recurso para efeitos necessários.

Sirva isso de prólogo e de contraste à grandiosa beleza dos *Mármore*s.

Rio, 1º de janeiro de 1895.

João Ribeiro



MÁR MO RES





Musa impassível

Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho, e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

A um artista

*A meu irmão,
Júlio César da Silva*

Mergulha o teu olhar de fino colorista
No azul; medita um pouco, e escreve; um nada quase:
Um trecho só de prosa, uma estrofe, uma frase
Que patenteie a mão de um requintado artista.

Escreve! Molha a pena, o leve estilo enrasta!
Pinta um canto de céu, uma nuvem de gaze
Solta, brilhante ao sol; e que a alma se te vase
Na cópia dessa luz que nos deslumbra a vista.

Escreve!... Um céu ostenta o matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paisagem...

Uma ave banha ao sol o esplêndido plumacho...
Num recanto de bosque, a lambar os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira embaixo...

Os argonautas

A Carlos Coelho

Mar fora, ei-los que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar – amigas sentinelas,
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Ei-los que vão buscar noutras paragens belas
Infintos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa em cóleras, ufano,
Faz palpar o bojo às retesadas velas.

Novos céus querem ver, miríficas belezas;
Querem também possuir tesouros e riquezas
Como essas naus que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas supostas...
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea bênção dos céus e a proteção dos astros...

Mahabarata

Abre esse grande poema onde a imaginativa
De Viasa, num fragor ecoante de cascata,
Tantas façanhas conta e dessa estrênea e diva
Progênie de Pandu tantas glórias relata!

Ora Kansa, a suprema encarnação do Siva,
Ora os suaves perfis de Krishna de Virata
Perpassam, como heróis, numa onda reversiva,
Nas estrofes caudais do grande Mahabarata.

Olha este incêndio e pasma: aspecto belo e triste!
Caminha agora a passo este deserto areoso...
Por cima o céu imenso onde palpitam sóis...

Corre tudo, ofegante, e finalmente assiste
À ascensão de Yudhishthira ao Indra luminoso
E à apoteose final dos últimos heróis.

Rainha das águas

A Alberto d'Oliveira

Mar fora, a rir, da boca o fúlgido tesouro
Mostrando, e sacudindo a farta cabeleira,
Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira,
Numa varina¹ azul orladurada de ouro.

Rema, à popa, um tritão de escâmeo² dorso louro;
Vão à frente os delfins; e, marchando em fileira,
Das ondas a seguir a luminosa esteira,
Vão cantando, a compasso, as piérides em coro.

Crespas, cantando em torno, as vagas, em surdina,
Lambem de popa à proa o casco da varina
Que prossegue, mar fora, a infinda rota, ufana...

E, no alto, o louro sol que assoma, entre desmaios,
Saúda esse outro sol de coruscantes raios
Que orna a cabeça real da bela soberana.

~~~~~

<sup>1</sup> Embarcação estreita de remos.

<sup>2</sup> Escamoso.



## Sonho africano

*A João Ribeiro*

Ei-lo em sua choupana. A lâmpada, suspensa  
Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo<sup>3</sup>.  
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo  
Cor de cinábrio em torno à carapinha densa.

Estira-se no chão... tanta fadiga e doença!  
Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo  
Na boca, nessa meia escuridão de limbo,  
Mole, semicerrando os dúbios olhos, pensa...

Pensa na longe pátria... As florestas gigantes  
Se estendem, sob o azul, onde, cheios de mágoa,  
Vivem negros pítons<sup>4</sup> e enormes elefantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquilos...  
Desce um rio, a cantar... Coalham-se à tona d'água,  
Em compacto apertão, os velhos crocodilos...

~~~~~

³ Pedaco de pau tostado, usado como arma por africanos.

⁴ Píton pode se referir tanto a uma espécie de serpente comum da Ásia e da África (*Python reticulatus*) quanto a adivinho, mago, necromante. Na mitologia grega, Píton é o nome da serpente ou dragão que guardava os oráculos da Terra e que foi morta pelo deus Apolo.

Paisagem

Dorme sob o silêncio o parque. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finíssimo extrato
Que evapora a verdura e que deleita o olfato,
Pelas alas sem fim das árvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstrato
Em cismas, tristemente, um alvíssimo ganso
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro cristal do límpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã⁵ sob a noturna sombra.

E enquanto o ganso vai, abstrato em cismas, pelas
Selvas adentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céu camândulas de estrelas.

~~~~~  
<sup>5</sup> Planalto, chapada.



## Vênus

*A Vitor Silva*

Branca e hercúlea, de pé, num bloco de Carrara,  
Que lhe serve de trono, a formosa escultura,  
Vênus, túmido o colo, em severa postura,  
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quê de vida o gênio lhe insuflara;  
E impassível, de pé, mostra em toda a brancura,  
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,  
A majestade real de uma beleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono  
De Minerva marcial que pelo gládio arranca,  
Julgo vê-la descer lentamente do trono.

É, na mesma atitude a que a insolência a obriga,  
Postar-se à minha frente, impassível e branca,  
Na régia perfeição da formosura antiga.



## Em Sonda

Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,  
A *boa* espia... Em cima estende-se a folhagem  
Que um vento manso faz oscilar, de onda em onda,  
Com a sua noturna e amorosa bafagem.

Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,  
Desde a copa da faia à esplêndida pastagem;  
E o ofidiano<sup>6</sup> escondido, olhos abertos, sonda...  
Vai passando, tranquilo, um búfalo selvagem

Segue o búfalo, só... mas suspende-lhe o passo  
O ofidiano cruel que o ataca de repente,  
E que o prende, a silvar, com suas roscas de aço.

Tenta o pobre lutar; os chavelhos enresta;  
Mas tomba de cansaço e morre... Tristemente  
No alto se esconde a lua, e cala-se a floresta...

~~~~~  
⁶ Relativo a cobras. No texto, uma cobra.

A caçada

A Valentim Magalhães

Ao mirante gentil de construção bizarra
Acabou de subir naquele mesmo instante
Em que o seu noivo foi à caça; e, palpitante,
Lá fora cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estrídula cigarra,
Ela vai ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que há de sofrer quando estiver distante...

E dorme, vendo o sol que, através de uma escassa
Nuvem branca, ilumina as íngremes encostas
Dos montes onde ondeja⁷ a matilha da caça;

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda às costas,
Lhe oferta uma porção de pássaros feridos...



⁷ O mesmo que ondear ou ondular: formar ondas ou ondulações, mover-se em ondulações.

No campo

A Max Fleiuss

O olhar choroso sob as negras sobrancelhas,
Costas abaixo solta a negra trança basta,
A campônia vai guiando, a picadinhas d'hasta⁸,
Um rebanho gentil de cândidas ovelhas.

Uma junta de bois morosa, em meio à vasta
Nava, arrastando vai umas charruas velhas...
E escutando o raspar monótono das relhas,
Queda-se na planície um grande boi que pasta...

E some-se o rebanho. Uma sombra flutuante
Paira sobre a extensão da planície, distante...
Na espessura a campônia esconde-se depois.

E, ao longe, sob o céu, como uma prece estranha
Que desperta a mudez do campo e da montanha,
Chora no ar o mugir dos fatigados bois.

~~~~~

<sup>8</sup> Arma formada por uma haste e uma extremidade pontiaguda; lança.



## Noturno

Pesa o silêncio sobre a terra. Por extenso  
Caminho, passo a passo, o cortejo funéreo  
Se arrasta em direção ao negro cemitério...  
À frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos do saltério  
Ouvem-se. O morto vai numa rede suspenso;  
Uma mulher enxuga as lágrimas ao lenço;  
Chora no ar o rumor de um misticismo aéreo.

Uma ave canta; o vento acorda. A ampla mortalha  
Da noite se ilumina ao resplendor da lua...  
Uma estrige soluça; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas  
Noites, acima dele, em silêncio, flutua  
O Lausperene mudo e súplice das almas.



## A Noite

*A Wenceslau de Queiroz*

Um vento fresco e suave entre os pinhais murmura.  
A Noite, aos ombros solta a desgrenhada coma,  
No seu plaustro de crepe, entre as nuvens assoma...  
Tornam-se o campo e o céu de uma cor mais escura.

Um novo aspecto em tudo. Um novo e bom aroma  
De látiros<sup>9</sup> exala a amplíssima verdura.  
Num hausto longo, a Noite, aos ares a frescura  
Doce, entreabrindo a flor dos negros lábios, toma...

Por vales e rechãs caminha, passo a passo,  
Atento o ouvido, à escuta... E no seu plaustro enorme,  
Cujo rumor desperta a placidez do espaço,

À encantada região das estrelas se eleva...  
E, ao ver que dorme o espaço e o mundo inteiro dorme,  
Volve, quieta, de novo, à habitação da treva...

---

<sup>9</sup> Gênero de plantas faseoláceas; plantas das famílias das leguminosas.



## A Ondina

Rente ao mar que soluça e lambe a praia, a Ondina,  
Solto, às brisas da noite, o áureo cabelo, nua,  
Pela praia passeia. A opállica<sup>10</sup> neblina  
Tem reflexos de prata à refração da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina  
Rota, pompeia no ar a vela, que flutua.  
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,  
Empola-se espumante, à praia vem, recua...

E, surdindo da treva, um monstro negro, fito  
O olhar na Ondina, avança, embargando-lhe o passo...  
Ela tenta fugir, sufoca o choro, o grito...

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,  
Roja-se aos pés da Ondina e esconde-a no regaço,  
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

---

<sup>10</sup> Que é de uma cor leitosa e azulada; opalina; da cor da opala.





## Aurora

Mensageira da luz, a brisa corre. A Aurora  
Do seu leito real de tiro se levanta.  
Toda a campina acorda em festa. Cada planta  
Mostra o sorriso ideal da matutina Flora.

Um cheiro doce e fresco a verdura evapora.  
A araponga, afinando a matinal garganta,  
Grita; um pássaro geme; a patativa canta...  
Todo o campo é uma orquestra harmônica e sonora.

Vara o diáfano véu da alvíssima neblina  
Uma seta de sol. E a floresta, a campina,  
Ainda cheias de luz de um pálido arrebol,

Descortinam-se... E em pouco, a campina, a floresta,  
Cheias do riso bom da natureza em festa,  
Palpitam sob a luz fecundante do sol.



## A um poeta

Poeta, quando te leio, a angústia dolorida  
Que te mina a existência e que em teu peito impera,  
Faz-me também sofrer, d'alma se me apodera,  
Como se da minh'alma ela fosse nascida.

Sinto o que sentes: ora a lágrima sincera  
Que foi pela saudade ou pelo amor vertida,  
Ora a mágoa que habita em tua alma, – guarida  
Onde a negra legião das mágoas se aglomera.

Não há nos versos teus um sentimento alheio  
A esse teu coração macerado de fráguas;  
Há neles ora o suave e módulo gorjeio

Das aves, ora a queixa harmônica das águas...  
Leio os teus versos; e, em minh'alma, quando os leio,  
Vai gemendo, em surdina, a música das mágoas...



## À noite

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra;  
Olhos fitos no vácuo, a amiga pena em pouso,  
Eis-me, pois, a pensar... De antro em antro, de serra  
Em serra, ecoa, longo, um *requiem* doloroso.

No alto uma estrela triste as pálpebras descerra,  
Lançando, noite adentro, o claro olhar piedoso.  
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra  
Um mórbido langor de calma e de repouso...

Em noite escura assim, de repouso e de calma,  
É que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,  
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

É que a alma se abandona ao sabor dos enganos,  
Antegozando já quimeras pressentidas  
Que, mais tarde, hão de vir com o decorrer dos anos.



## Inverno

*A João Luso*

Outrora, quanta vida e amor nestas formosas  
Ribas! Quão verde e fresca esta planície, quando,  
Debatendo-se no ar, os pássaros, em bando,  
O ar enchia de sons e queixas misteriosas!

Tudo era vida e amor. As árvores copiosas  
Mexiam-se, de manso, ao resfôlego brando  
Da brisa que passava em tudo derramando  
O perfume sutil dos cravos e das rosas...

Mas veio o inverno; e vida e amor foram-se em breve.  
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...  
As árvores do campo, enroupadas de neve,

Sob o látego atroz da invernã que corta,  
São esqueletos que, de braços levantados,  
Vão pedindo socorro à primavera morta.





# Lieder de Goethe





## Calme de la mer <sup>II</sup>

Tranquilo, o mar não canta nem ondeia;  
O nauta, imerso noutro mar de mágoas,  
Os olhos tristes e úmidos passeia  
Pela tranquila quietação das águas.

A onda que dorme quieta, não espuma;  
O austro que sonha plácido, não canta;  
E em todo o vasto mar, em parte alguma,  
A mais pequena vaga se levanta.



<sup>II</sup> Calma do mar.



**Lied sicilien** <sup>12</sup>

Olhos! que ateais os corações e a guerra,  
Olhos, quando piscais, olhos de brasas,  
Muralhas abalroam, caem casas,  
E enormes paredões rolam por terra!

Assim, a um golpe rápido de vista,  
Esta débil e trêmula muralha,  
Dentro da qual meu coração trabalha,  
Como quereis,izei-me, que resista?



<sup>12</sup> Canção siciliana.



## La prude <sup>13</sup>

Deliciosa manhã de primavera doura  
Os campos. Ainda dorme o sol. Mas a pastora,  
Descuidosa, passeia, enfeitadinha já.  
Quem a vê, a maciez das faces lhe namora.  
E ela cantando vai pelos campos em fora:  
Trá, lá, lá! Trá, lá, lá!

Por um beijo um pastor oferta-lhe uma ovelha,  
Duas, quantas quiser... E ela fica vermelha  
De raiva, bate o pé... Tão formosa e tão má!  
Encara-o com desprezo; e depois, apressando  
Os passos, segue adiante, alígera, cantando:  
Trá, lá, lá! Trá, lá, lá!

Um pastor lhe oferece o coração a ela;  
Fitas outro pastor lhe oferta; mas a bela  
Pastorinha gentil, enfastiada já,  
Ri de ambos, como riu das ovelhinhas brancas  
Do primeiro. E prossegue, entre risadas francas,  
Trá, lá, lá! Trá, lá, lá!

~~~~~

¹³ A recatada.



H. Heine ~
Números do
Intermezzo

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida,
 Teu coração, querida,
Me palpitou no coração ardente?
Teu coração de leve mariposa
 Esvoaçante e terrena,
Tão pequeno e tão falso que outra coisa
Não pode haver mais falsa e mais pequena?

E, decerto também já te esqueceste
 Do pesar e do amor
 Com que tu me prendeste
O coração num círculo de dor.

Pesar e amor! ambos me fazem doente;
 Ambos me são do pranto
 Incentivos fatais;
 E não sei, entretanto,
Se aquele pode ser maior do que este,
Pois sei apenas que ambos, igualmente,
 Já são grandes demais.

Meus cantos, cujo treno
Minh'alma escuta, amargurada e triste,
São repassados de letal veneno:
De outra forma não pode ser, querida,
 Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
 O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo treno
Qualquer sorriso em lágrimas transforma,
São repassados de letal veneno;
Não pode ser, entanto, de outra forma,
Porque, em meio das cousas mais singelas
Que tenho n'alma, agitam-se, frementes,
 Implacáveis serpentes...
E tu, formosa amante, és uma delas!

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.
E caminhando eu vou pela floresta espessa,
 Rompendo a cerração.
As ramagens abalo, as árvores sacudo:
E elas movem de leve a rórida cabeça,
 Num ar de compaixão.

IV

Floresta afora, além, no encontro das estradas,
Suicidas sem descanso,
Agitam-se no horror das covas profanadas.
Perto, uma flor azul desabrocha de manso:
Dão-lhe o nome de flor das almas condenadas.

Certa vez, eu lá fui. A noite estava fria;
O espaço mudo estava.
À beira de uma cova a flor azul tremia;
E entre nuvens de crepe, a lua, que passava,
Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.





Balada

Balada

“Eu vou partir. A noite já desmaia.
Parto; por isso, cândida princesa,
Venho beijar as mãos a Vossa Alteza...
Botes e naus esperam-me na praia.

Tenho, decerto, de sofrer azares,
Dores sofrer; mas hei de, com denodo,
Pugnas vencer e conquistar de todo
Terras estranhas e remotos mares...

Não sei se morrerei; mas se, princesa,
Através de porcelas e de escolhos
A negra morte me fechar os olhos,
Eu morrerei pensando em Vossa Alteza.

Mas forçoso é partir; adeus, senhora...”
“Conde, adeus...”, murmurou, baixando a fronte.

A noite desmaiava. No horizonte
Já se movia o séquito da aurora.

E ela, a princesa, imersa num letargo,
Ficou olhando a vastidão do oceano.

Rompeu, enfim, o sol. E, a todo o pano,
A aventureira nau se fez ao largo...

A florista

Suspensa ao braço a grávida corbelha,
Segue a passo, tranquila... O sol faísca...
Os seus carmíneos lábios de mourisca
Se abrem, sorrindo, numa flor vermelha.

Deita à sombra de uma árvore. Uma abelha
Zumbe em torno ao cabaz... Uma ave, arisca,
Bem perto dela pelo chão lambisca,
Olhando-a, às vezes, trêmula, de esguelha...

Aos ouvidos lhe soa um rumor brando
De folhas... Pouco a pouco, um leve sono
Lhe vai as grandes pálpebras cerrando...

Cai-lhe de um pé o rústico tamanco...
E assim descalça, mostra, em abandono,
O vultinho de um pé macio e branco.

Inconsoláveis

Almas, por que chorais, se ninguém vos responde?
Almas, por quê? Deixai as lágrimas! Empós
Do ideal correi, correi a longes plagas, onde
Não exista ninguém que escarneça de vós.

Lançai o vosso olhar a longínquas paragens,
Bem distantes daqui, cheias de ideais risonhos,
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,
Passem cantando ao longe a música dos sonhos...

A longes plagas onde estas misérias todas
Não consigam deixar o mínimo sinal;
Paragens onde, em meio às delirantes bodas
Dos sonhos e do amor, exulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! soltai a vossa queixa triste;
Contai ao mundo inteiro a vossa mágoa justa;
Essa terra de Ideal, ó almas, não existe;
Inventei-a somente, e inventá-la não custa.

Pobres almas, lançai em torno a vossa vista:
Sempre haveis de encontrar essa miséria atroz.
Almas, chorai, que embora esse país exista,
Nele há de haver alguém que escarneça de vós.

Estela

Como dormes feliz, anjo adorado,
Nesse teu berço, assim... tu, cujos olhos
Nunca viram misérias nem abrolhos,
Mas veem somente o maternal cuidado.

O anjo da guarda está velando ao lado
Do teu berço, a sorrir... Os teus antolhos
São, por enquanto, os ondulantes folhos
Do teu bercinho de ébano lavrado.

Dorme, que enquanto o querubim de vela,
Ele te envolve nessa etérea veste
Que usam no céu os querubins, Estela;

Dorme; o teu sono cheio de fulgores
Decerto eleva-te a um país celeste
Todo cheio de pássaros e flores.

De joelhos

A Santa Tereza

Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no teto presa,
Como que imita a tristeza
Daquele círio trêmulo e frouxo...

E assim, mostrando todo o desgosto
Que sobre sua alma pesa,
Ela reza, reza, reza,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo...
Parece estar no Outro Mundo
De outros mistérios e de outras vidas...

Implora a Cristo, seu Casto Esposo,
Numa prece ou num transporte,
O termo final da Morte,
Para descanso, para repouso...

Salmos doridos, cantos aéreos,
Melodiosos gorjeios
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De misticismos e de mistérios...

Reza de manso, reza de manso,
Implorando ao Casto Esposo
A morte, para repouso,
Para sossego, para descanso

D'alma e do corpo que se consomem,
Num desânimo profundo,
Ante as misérias do Mundo,
Ante as misérias tão baixas do Homem!

Quanta tristeza, quanto desgosto,
Mostra na alma aberta e franca,
Quando fica, branca, branca,
As mãos erguidas, pálido o rosto...

O rosto pálido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no Outro Mundo
De outros mistérios e de outras vidas...

No boudoir

Aguarda o jovem conde há quase uma hora,
Mudo, a agradável ocasião de vê-la.
A um canto do *boudoir*, altiva e bela,
Está sentada a viscondessa Aurora.

Entra e murmura: “Que brilhante estrela!
Vou confessar-lhe o meu amor agora...”
Depois, aproximando-se: “Senhora,
Tenho muito prazer em conhecê-la...”

E segreda baixinho: “Viscondessa,
É por Vossa Excelência que deliro...”
E ela, soerguendo, tímida, a cabeça,

Fita-o, sorrindo, nada lhe responde...
Solta apenas um trêmulo suspiro
Ao ver os olhos do formoso conde.

D. Alda

(*Lied MODERNO*)

Hoje D. Alda madrugou. Às costas
Solta a opulenta cabeleira de ouro,
Nos lábios um sorriso de alegria,
Vai passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
 Saúdam-na: “Bom dia!”
D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;
 E D. Alda caminha...
Uma porção de folhas a acompanha...

Caminha... Como um fulgido brilhante,
 O seu olhar fulgura.
Mas – que cruel! – ao dar um passo adiante,
Enquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de láctea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:
“Obrigado, D. Alda.”

No baile

Flores, damascos... é um sarau de gala.
Tudo reluz, tudo esplandece e brilha;
Riquíssimos bordados de escumilha
Envolvem toda a suntuosa sala.

Moços, moças levantam-se; a quadrilha
Rompe; um suave perfume o ar trescala;
E Flora, a um canto, envolta na mantilha,
Espera que o marquês venha tirá-la...

Finda a quadrilha. Rompe a valsa inglesa.
E ela não quer dançar! Ela, a marquesa
Flora, a menina mais formosa e rica!

E ele não vem! Enquanto finda a valsa,
Ela, triste, a sonhar, calça e descalça
As finíssimas luvas de pelica!

Mudez

Já rumores não há; não há; calou-se
Tudo. Um silêncio deleitoso e morno
Vai-se espalhando em torno
Às folhagens tranquilas do pomar.

Torna-se o vento cada vez mais doce...
Silêncio... Ouve-se apenas o gemido
De um pequenino pássaro perdido
Que inda espaneja as suas asas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o Silêncio, o grande
Silêncio, o rei das trevas e da calma,
Em que a nossa triste alma,
Penetrada de mágoas e de dor,
Se dilata, se expande,
E seus segredos íntimos mergulha...
Prolonga-se a mudez: nenhuma bulha;
Já se não ouve o mínimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que fala
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos
Não conseguem ouvir esses gemidos
Que ela derrama, à noite, sobre nós)
À alma de quem se embala
Numa saudade mística e tranquila...
Nossa alma apenas é que pode ouvi-la,
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tácita e celeste
Que este silêncio fala a ti, tão triste...
E hás de lembrar o dia em que tu viste
Perto de ti, pela primeira vez,
 Alguém a quem disseste
Uma frase de amor, de amor... ó louca!
E que, no entanto, só mostrou na boca
A mais brutal e irônica mudez!

Pérfida

Disse-lhe o poeta: “Aqui, sob estes ramos,
Sob estas verdes laçarias bravas,
Ah! Quantos beijos, trêmula, me davas!
Ah! Quantas horas de prazer passamos!

Foi aqui mesmo – como tu me amavas!
Foi aqui, sob os flóridos recamos
Desta ramagem, que uma rede alçamos
Em que teu corpo, mole, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto
De ti. Que gozo então! Mas, pouco a pouco,
Todo esse amor calcaste sob os pés”.

“Mas”, disse-lhe ela, “quem és tu? Decerto,
Essa mulher de quem tu falas, louco,
Não, não sou eu, porque não sei quem és...”

Laura

Esta é a Laura, a riquíssima princesa
De negros olhos, elegante e bela,
A cujas plantas a áulica nobreza
Se roja, apenas a um sorriso dela.

Rosa de estranha e sensual fragrância,
Nascida em pobre e humílimo canteiro,
Em todos os certâmens da Elegância
Sempre conquista o galardão primeiro.

O seu esposo é um príncipe normando,
Louro e de face turgida e vermelha,
Em cujo olhar enérgico se espelha
A arrogância do orgulho e áspero mando.

Há tempos, Laura era a menina honesta,
Toda aos prazeres deste mundo alheia,
Que passava o viver nessa modesta
Vida tediosa e símplice de aldeia.

E quanta vez, à noite, a sós consigo,
Não fez correr as lágrimas no rosto,
Sem nunca achar um coração amigo
Que se doesse também com o seu desgosto!

Mas, um dia, a fortuna entrou-lhe à porta;
E, olhando derredor, vendo-a sozinha,
Com esse timbre de voz que a alma conforta,
“Laura”, disse, “levanta-te e caminha!”

E conduziu-a, pela mão, ao grande
Mundo do luxo pródigo e faustoso,
Onde, farta e soberba, a alma se expande,
Cheia do tédio mórbido do gozo.

Hoje é a Laura, a riquíssima princesa
De negros olhos, elegante e bela,
A cujas plantas a áulica nobreza
Se roja, apenas a um sorriso dela.

As duas irmãs

Vem a primeira e fala-lhe em segredo:
“Amiga, vê, (nem sei como isto conte!)
Como correm as águas desta fonte:
Tal corre a vida, e acaba-se tão cedo!

Ama, pois!” A segunda, em cuja fronte
Brilha um raio de luz, murmura, a medo,
Apontando-lhe o chão: “Este é o degredo
Perpétuo e atroz do teu amor insonte.

Contudo, espera.” E somem-se a Esperança
E a Saudade. E ela fica, como douda,
A olhar o rastro dessas deusas belas...

E ela fica esperando-as... Cansa, cansa
De esperá-las assim, a vida toda,
Sem jamais receber notícias delas!...

A uma criança

(Imitação de Hugo)

*Vous qui ne savez pas combien l'enfance est belle,
Enfant! N'enviez point notre âge de douleurs...¹*

Victor Hugo.

Choras, criança, mas chorar não deves;
Entre a velhice e as tuas horas leves
 É pequena a distância;
 Choras debalde; choras,
Porque não sabes, flor, quanto são breves
 Da humana vida as horas,
Porque não sabes quanto é bela a infância!

Tu, cuja vida é um suave paraíso
 Adornado de flores,
Da nossa vida mísera de dores
 Amargas e revezes,
Nunca invejes o júbilo indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, às vezes,
 Do que o nosso sorriso.
 Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas,
Nessas tuas manhãs de eternas galas;
Nunca as desfolhes, gárrula criança;
 Deixa-as em paz, descansa,
Deixa que o tempo venha desfolhá-las.

~~~~~  
<sup>1</sup> “Você não sabe como é linda a infância,  
Criança! Não inveje nossa idade de dor...”



## Quadro incompleto

Foi um rico painel. Traço por traço,  
Nele notava-se a paixão do artista.  
Via-se, ao fundo, a tortuosa crista  
De altas montanhas a beijar o espaço.

No centro, um rio, a distender o braço.  
Selvas banhavam em triunfal conquista.  
Ao longo, dois amantes, pela lista  
De um carreiro, seguiam, passo a passo.

Foi um rico painel. Uma obra finda  
A primor, que, apesar de velha, ainda  
Conservava das cores a frescura.

Hoje, porém, não é como era dantes:  
Pois no ponto onde estavam os amantes,  
Existe apenas uma nódoa escura.





## Prece

*D'ou me vient, ô mon Dieu, cette paix qui m'inonde?  
D'ou me vient cette foi dont mon coeur surabonde?*<sup>2</sup>

*Lamartine.*

Santa Maria, iluminaí  
A estrada aspérrima que trilho:  
Ah! por amor de vosso Filho!  
Ah! por amor de vosso Pai!

Aos marinheiros que, no mar,  
Temem as sirtes e os escolhos,  
Dai-lhes a unção dos vossos olhos,  
Dai-lhes a unção do vosso olhar.

Não peço glórias nem troféus  
Que as amarguras não compensam:  
Apenas quero que a vossa bênção,  
Só, muito embora, ó Mãe de Deus,

O camponês não queira o bus  
Dos vossos olhos e nem vo-lo  
Peça, mas peça um ferragoulo  
Para cobrir os ombros nus.

~~~~~

² “De onde vem, ó meu Deus, esta paz que me inunda?
De onde vem esta fé que em meu coração transborda?”

Ao miserável que cair,
Ao roto dai-lhes uma tira
Do vosso manto de safira
Para as feridas encobrir;

Às noivas pobres, enxovais;
Ao pecador, ao moribundo,
Dai-lhes o gozo do outro mundo
Longe das chamas infernais.

Dai-nos do vosso olhar a unção!
E que sejais sempre bendita
Lá nessa abóbada infinita,
Ó imaculada Conceição!

Santa Maria, iluminai
A estrada aspérrima que trilho!
Ah! por amor de vosso Filho!
Ah! por amor de vosso Pai!

Mãe

Embora a mágoa a aflija e a sorte a oprima,
O seu amor, como celeste esmola,
É um perfume sutil que se lhe evola
Do peito e sobe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,
Quando, pelo meu rosto, o pranto rola!
Ninguém, como ela, a minha dor consola,
Ninguém, como ela, o meu pesar lastima.

Julgo-me só e chamo-a... ela não tarda!
Volta, acode-me, alegre; e, num momento,
Desfaz a dor que o coração me enluta.

Ela é a mais fiel, a mais constante guarda
Que, no meio da noite, o ouvido atento,
O meu suspiro entrecortado escuta.

Egito

No ar pesado, nenhum rumor, o menor grito;
Nem no chão calvo e seco o mais pequeno adorno;
Um velho ibe³ somente arranca um raro piorno⁴
Que cresce pelos vãos das lájeas de granito.

A aura branda, que vem do deserto infinito,
Arrepia, ao de leve, a água do Nilo, em torno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto e invade todo o Egito.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de mágoa ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E, num sonho tranquilo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer sobre as águas do Nilo.

~~~~~

<sup>3</sup> Ibe ou Ibis: ave do Egito.

<sup>4</sup> Denominação de vários tipos de arbusto do gênero retama.



## Musa impassível

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,  
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!  
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,  
Por esse grande espaço onde o Impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!  
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,  
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,  
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me, de vez, numa ascensão ardente,  
À deliciosa paz dos Olímpicos Lares,  
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,  
Passarem, através das brumas seculares,  
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.



Francisca Júlia da Silva



## Obras de Francisca Júlia

ARAÚJO, João Gomes de. *Pranto de luar*. Poesia de Francisca Júlia da Silva. [S. l.: s. n., 19--?]. 5 p. 1 Partitura.

BENEDICTIS, Savino de. *Berceuse de boneca* (quatro vozes mixtas a cappella). Versos de Francisca Júlia e J. Cezar da Silva. São Paulo: Casa Wagner, [s. d.]. 5 p. 1 Partitura (Série Coros e Cantos Escolares).

BENEDICTIS, Savino de. *Hymno a escola* (voz e piano). Versos de Francisca Júlia e J. Cezar da Silva. São Paulo: Casa Wagner, [s. d.]. 3 p. 1 Partitura. (Série coros e cantos escolares).

BENEDICTIS, Savino de. *Hymno ao trabalho* (voz e piano). Versos de Francisca Júlia e J. Cezar da Silva. São Paulo: Casa Wagner, [s. d.]. 3 p. 1 Partitura. (Série coros e cantos escolares).

BENEDICTIS, Savino de. *O patinho* (coro a quatro vozes femininas a cappella). Versos de Francisca Júlia e J. Cezar da Silva. São Paulo: Casa Wagner, [s. d.]. 5 p. 1 Partitura. (Série Coros e Cantos Escolares).

GOMES JÚNIOR, João. *Risinha primavera*. Letra de Francisca Julia da Silva. São Paulo: Sotero de Souza, Ed., [s.d.]. 3 p. 1 Partitura (Cantos Escolares 1. serie 3).

SILVA, Francisca Julia da. *Carta a Alberto de Oliveira enviando o livro de versos didáticos Alma infantil, e pedindo seu empenho para que o mesmo seja adotado nas escolas do Rio*. São Paulo, 19 maio 1913. 2 p.

SILVA, Francisca Julia da. *Esphinges*. Recife: Olegario Ribeiro, 1903.

SILVA, Francisca Julia da. *Esphinges*: versos. [S. l.]: Bentley Junior & Co, 1903. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4368>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, Francisca Julia da. *Esphinges*. Ilustrações J. Prado. São Paulo: Monteiro Lobato, [1921?]. Inclui coleção de textos críticos e depoimentos sobre a poeta, incluindo o prefácio de João Ribeiro à obra *Mármore*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4487>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, Francisca Julia da. *Livro da infancia*. Prefácio Julio Cesar da Silva. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1899. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4558>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, Francisca Julia da. *Mármore*. Prefácio João Ribeiro. Rio de Janeiro: Horacio Belfort Sabino, 1895. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4488>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, Francisca Júlia da. *Mármore*. Prefácio João Ribeiro. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/568778>. Acesso em: 27 maio 2025.

SILVA, Francisca Júlia da. *Poesias*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1961.

SILVA, Francisca Julia da; SILVA, Julio Cesar da. *Alma infantil*: (versos para uso das escolas): (recitativos, monólogos, diálogos, comédias escolares, brincos infantis, hymnos). São Paulo: Editora Livraria Magalhães, 1912. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4556>. Acesso em: 28 maio 2025.

## Breve bibliografia sobre Francisca Júlia

BORGES, Jaqueline Ferreira. A literatura de autoria feminina no Brasil: um estudo sobre a trajetória de Francisca Júlia. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. e35148–e35148, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/35148>. Acesso em: 28 maio 2025.

BORGES, Jaqueline Ferreira. *A representação do feminino nas poesias de Francisca Júlia (1871- 1920)*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23192>. Acesso em: 28 maio 2025.

BORGES, Jaqueline. Do parnaso ao simbolismo: sobre a literatura de Francisca Júlia (1871-1920). *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, Assis (SP), v. 29, p. 205–224, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1795/1614>. Acesso em: 13 ago. 2025.

CAMARGOS, Márcia. *Musa impassível*: a poetisa Francisca Júlia no cinzel de Victor Brecheret. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. 129 p.

GONÇALVES, Magaly Trindade; AQUINO, Zélia Maria Thomaz de; BELLODI, Zina Maria; BOSI, Alfredo. *Antologia de antologias*: 101 poetas brasileiros “revisitados”. 2. reimpressão. São Paulo: Musa, 2004. (Ler os clássicos, v. 4).

KNIHS, Maiara. Decifra-me ou te devoro: o pensamento sobre a poesia em poemas de Francisca Júlia. *Fólio: revista de letras*, Vitória da Conquista, BA, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3561>. Acesso em: 28 maio 2025.

LISBOA, Henriqueta. *Antologia poética para a infância e a juventude*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.

LÔBO, Danilo. *Francisca Júlia: entre o pincel e a pena*. Florianópolis: Travessia, 1991. Universidade Federal de Santa Catarina: Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura.

MARTINS, José de Souza. *As duas mortes de Francisca Júlia: a semana antes da Semana*. São Paulo: Unesp Digital, 2022. Ebook (306 p.).

MELO, Carlos Augusto de (org.). *Francisca Júlia revisitada*. Uberlândia: Subsolo, 2022. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/98379332/FRANCISCA\\_JULIA\\_REVISITADA\\_EBOOK\\_Carlos\\_Augusto\\_de\\_Melo\\_org.pdf#page=147](https://www.academia.edu/download/98379332/FRANCISCA_JULIA_REVISITADA_EBOOK_Carlos_Augusto_de_Melo_org.pdf#page=147). Acesso em: 13 ago. 2025.

MELO, Carlos Augusto de; MUNDACA, Dayana Alejandra Hernandez. Do mármore aos jardins: sobre a obra de Francisca Júlia (1871-1920). *Recorte: Revista Eletrônica da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações (MG), v. 10, n. 2, 13 p., jul.-dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1121>. Acesso em: 13 ago. 2025.

OLIVEIRA, Maria Elvira de Melo. *O ideal da pureza parnasiana: Francisca Júlia*. 1993. 77 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

PARNASIANISMO. Seleção e prefácio Sânzio de Azevedo. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006. 153 p.

PEREIRA NETO, João Vicente. “Sonho africano” e “Os argonautas”: a formação do Brasil como temática em dois poemas parnasianos de Francisca Júlia. *Vocabulo: Revista de Letras e Linguagens Midiáticas*, Ribeirão Preto, SP, v. 10, 13 p., 2016. Disponível em: [http://www2.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/10/5\\_sonho\\_africano\\_10.pdf](http://www2.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/10/5_sonho_africano_10.pdf). Acesso em: 19 maio 2017. 2016.

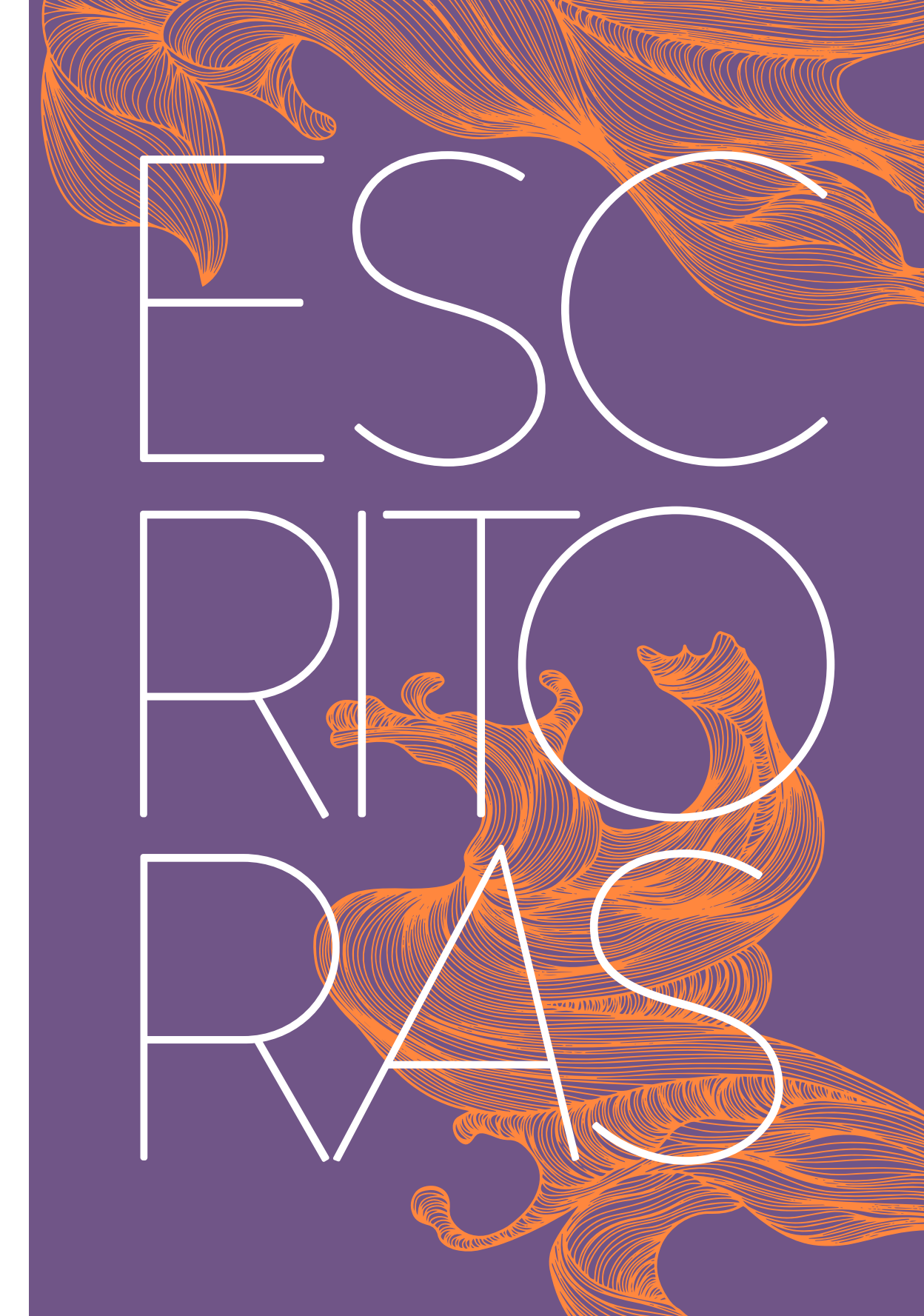
PEREIRA NETO, João Vicente. Insurgências da subjetividade de uma musa impassível: simbolismo e romantismo na obra poética de Francisca Júlia. *Litterata - Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, Ilhéus, BA, v. 3, n. 2, p. 37-59, jul./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/issue/download/85/93>. Acesso em: 19 ago. 2025.

PEREIRA NETO, João Vicente. *Oscilações líricas de uma musa impassível: itinerário poético de Francisca Júlia no sistema literário brasileiro*. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14840>. Acesso em: 27 maio 2025.

PEREIRA NETO, João Vicente. Rigidez escultórica e busca de temática clássica: o rigor formal na poesia de Francisca Júlia. *Universitas Humanas*, Brasília, DF, v. 11, n.1, p. 21-29, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/2936/2481>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SAMYN, Henrique Marques. Da “poetisa bonita” à “ máscula autora”: sobre a generificação de Francisca Júlia. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, Assis, SP, v. 25, p. 39-60, 2019. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1483>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA, Eliene Farias da; SILVA, Eliane Bezerra da. Entre a racionalidade parnasiana e o misticismo simbolista: uma análise de Musa Impassível I, de Francisca Júlia. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, AL, v. 4, n. 3, p. 1037–1052, 2019. Disponível em: [https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/852](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/852) . Acesso em: 13 ago. 2025.

The background of the image is a solid purple color. Overlaid on this background is a large, intricate pattern of orange line art. The pattern consists of numerous fine, curved lines that form a complex, organic shape resembling a stylized flower or a piece of fabric with a ruffled edge. The lines are dense and create a sense of depth and texture. The text 'ESCORTO RAS' is written in a large, white, sans-serif font, centered vertically and horizontally. The letters are thin and have a modern, minimalist feel. The text is arranged in three lines: 'ESC' on the top line, 'ORTO' on the middle line, and 'RAS' on the bottom line. The letters are slightly spaced out, giving the text a clean and professional appearance. The overall composition is balanced and visually appealing, with the orange pattern providing a strong contrast to the purple background and the white text.

# ESC ORTO RAS

do

# BRASIL



## Coleção Escritoras do Brasil

Esta coleção, iniciada em 2018, foi idealizada e tem a curadoria da Biblioteca do Senado Federal

### Títulos publicados:

- v. 1 A mulher moderna**  
*Josefina Álvares de Azevedo*
- v. 2 Ânsia eterna**  
*Júlia Lopes de Almeida*
- v. 3 Opúsculo humanitário**  
*Nísia Floresta*
- v. 4 Mármore**  
*Francisca Júlia da Silva*
- v. 5 A judia Raquel**  
*Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz*
- v. 6 Cancros sociais**  
*Maria Ribeiro*
- v. 7 Um drama na roça**  
*Carmen Dolores*
- v. 8 Dálías**  
*Auta de Souza*
- v. 9 A infanta Carlota Joaquina**  
*Chrysanthème*
- v. 10 Cantigas das crianças e do povo e danças populares**  
*Alexina de Magalhães Pinto*
- v. 11 Aventuras de Diófanés**  
*Theresa Margarida da Silva e Orta*
- v. 12 Obra reunida**  
*Maria do Carmo de Mello Rego*

### Coleção Escritoras do Brasil

Biblioteca do Senado Federal

[escritorasdobrasil@senado.leg.br](mailto:escritorasdobrasil@senado.leg.br)



## COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

*Coordenação:* Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

*Comissão editorial:* Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Rizzo Soares, Osmar Arouck e Stella Maria Vaz Valadares Chervenski

### Volume 4 ~ Mármore · Francisca Júlia da Silva

*Supervisão editorial:* Maria Helena de Almeida Freitas

*Capa, projeto gráfico e diagramação:* Gilmar Rodrigues Soares

*Revisão textual:* Mariana Sanmartin de Mello

*Revisão técnica:* Bárbara Guilhermina Cardoso Tavares

*Ilustração de capa e da autora:* Joana Franches Amorim de Carvalho

## SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES (SEGRAF)

*Diretor:* Rafael André Vaz Chervenski

*Coordenação de Pré-Impressão:* Tatiana Nassif Derze

*Serviço de Formatação e Programação Visual:* Eduardo Franco, Leonardo Matoso e Rodrigo Ribeiro

*Serviço de Revisão:* Marco Aurélio Couto e Mariana Sanmartin de Mello

*Serviço de Controle da Pré-Impressão:* Claudio Portella e Moisés Nazário

As obras da autora e do prefaciador estão em domínio público, conforme Lei nº 9.610/1998. O original desta obra, publicado em 1895 pelo editor Horacio Belfort Sabino, foi baixado do sítio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), com a autorização de seu representante técnico.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Disponível também na Biblioteca Digital do Senado Federal – BDSF.

Silva, Francisca Júlia da, 1871-1920.

Mármore / Francisca Júlia da Silva ; apresentação Jaqueline Ferreira Borges; prefácio

João Ribeiro. — 2. ed. aum. — Brasília : Senado Federal, 2026.

133 p. — (Coleção escritoras do Brasil ; v. 4).

ISBN: 978-65-5676-763-5

1. Poesia, Brasil, séc. XIX. 2. Literatura, Brasil, séc. XIX. I. Título. II. Série.

CDD B869.I

Ficha catalográfica preparada por Alessandra Marinho da Silva CRB-I 2102





[illegible]

A Coleção Escritoras do Brasil busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e pelos estudos literários.

As versões digitais das obras da Coleção Escritoras do Brasil estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e no site da Livraria do Senado.

Baixe  
gratuitamente

